



INTRODUÇÃO DO DOSSIÊ

VII Congresso Nacional de Ciência da Religião - CONACIR

Religião e Direito à Esperança no Antropoceno

É com imensa satisfação que apresentamos o volume especial *Religião e Direito à Esperança no Antropoceno* da Revista Sacrilegens, resultado do VII Congresso Nacional de Ciência da Religião (CONACIR), evento anual organizado pelos discentes e pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPCIR/UFJF). O Dossiê que apresentamos reúne reflexões que emergem a partir do Antropoceno, uma época geológica caracterizada pelos profundos impactos das atividades humanas no planeta. Nele, destacamos o papel da Ciência da Religião ao lidar com essa realidade existencial e social. Assim, a escolha pelo tema *Religião e direito à esperança no Antropoceno* encontra-se estreitamente vinculada a um chamado de reflexão e responsabilização do ser humano com o planeta Terra.

A acelerada degradação ambiental, aliada às profundas crises sociais, econômicas e políticas, exige uma reflexão crítica sobre os modos de vida que sustentamos. À vista disso, o VII CONACIR surge como uma resposta a essa urgência, buscando entender como diferentes campos do saber — especialmente a Ciência da Religião — podem contribuir para repensar nossas relações com o meio ambiente, as desigualdades e as responsabilidades éticas que decorrem de nossa ação sobre a Terra. Logo, a escolha deste tema foi motivada pela necessidade de trazer ao centro das discussões acadêmicas e públicas a intersecção entre religião, ciência, política e meio ambiente, em um momento em que as transformações climáticas e as injustiças sociais demandam novas perspectivas.

Neste contexto, o Dossiê busca articular abordagens que não apenas analisem a crise social e ambiental, mas também proponham alternativas que nos conduzam a uma convivência mais justa, sustentável e esperançosa com o planeta e entre nós. Os textos reunidos, desde a conferência de abertura até as mesas temáticas, exploram as múltiplas dimensões da crise do Antropoceno sob uma perspectiva crítica e interdisciplinar. As mesas temáticas articulam autores e enfoques que examinam tanto as dimensões filosóficas quanto as práticas da crise contemporânea. Os textos, organizados de forma a

integrar diferentes áreas do saber, como teologia, sociologia, ecologia e estudos decoloniais, reforçam o diálogo entre ciência e religião no contexto do Antropoceno, promovendo um debate qualificado dos desafios que enfrentamos.

O primeiro artigo, elaborado pelos coordenadores da VII edição do CONACIR: *Religião e Direito à Esperança no Antropoceno*, tem como objetivo refletir e destacar a urgência de discutir as implicações éticas e sociais das mudanças ambientais no contexto atual. Ademais, Jungley de Oliveira Torres Neto e Presley Henrique Martins buscam situar os leitores na motivação do tema, suas implicações e abrir caminho para os textos subsequentes.

A conferência de abertura do VII CONACIR, realizada em 21 de novembro de 2023, proferida por Nicolás Panotto, intitulada *Reimaginar lo religioso: espiritualidades, místicas y lo utópico más allá de la modernidade (Re-imaginando o Religioso: Espiritualidades, Misticismo e o e o utópico além da modernidade)*, se materializa em um profundo e profícuo artigo. Panotto reflete sobre a crise contemporânea que vivemos, representada pelo *Antropoceno* e pelo *Capitaloceno*, ambos símbolos de uma falência da modernidade e do excepcionalismo antropocêntrico. O autor aponta como, ao longo da história, a humanidade buscou controlar a realidade e dominar a natureza, promovendo uma visão de mundo centrada no ser humano como superior e controlador. Nesse sentido, Panotto critica a maneira como a definição moderna de religião, profundamente influenciada pelo cristianismo, reforçou essa perspectiva ao classificar e hierarquizar o mundo, muitas vezes de forma excludente. Diante dessa crise, o autor propõe uma necessária reimaginação da religião e da espiritualidade. Para que a religião possa atuar como uma força de transformação existencial, social e ambiental.

O segundo dia do VII CONACIR, em 22 de novembro de 2023, trouxe uma mesa inspirada que abordou o tema *Esperança no horizonte de pensamento de Rubem Alves*, com apresentações de Arnaldo Érico Huff Júnior, Breno Martins Campos e Edson Fernando de Almeida. As falas apresentadas nessa ocasião estão agora materializadas nesta edição especial da Revista Sacrilegens.

Arnaldo Érico Huff Júnior, em seu texto *Esperança, música e imagem em mais uma prosa com Rubem Alves (e Nietzsche e Caetano Veloso)*, entrelaça música e poesia como veículos centrais para a compreensão da esperança em Rubem Alves. O autor



parte da constatação de que a obra de Rubem Alves está impregnada por uma profunda sensibilidade estética, em que a música e a imagem ocupam um papel essencial para articular o tema da esperança. Nesse percurso, Friedrich Nietzsche e Caetano Veloso são convocados para dialogar com Alves, agregando nuances filosóficas e artísticas à discussão. Neste contexto, a potencialidade musical viabiliza caminhos para a esperança e para a imaginação de novos mundos. É nesse espaço criativo que a esperança se concretiza, rompendo com o fatalismo da crise contemporânea e permitindo que novas possibilidades de existência emergjam.

Seguindo a linha da apresentação de Breno Martins Campos e, agora, neste artigo, com a colaboração da professora Ceci Maria Costa Baptista Mariani, somos levados a refletir profundamente sobre o pensamento de Rubem Alves, com foco em uma perspectiva antropológica contra hegemônica, que busca desafiar as relações entre humanidade e natureza, tal como foram sustentadas pela tríade do capitalismo, tecnologia e mercado. O texto dos autores *Corpo e natureza: contribuições alvesianas para um novo humanismo ecológico* apontam que, apesar de Rubem Alves ter falecido em 2014, suas ideias oferecem uma sólida base para se pensar uma crítica ao dualismo moderno, especialmente no que tange à separação entre ser humano e natureza. À vista disso, é-nos apresentado que Rubem Alves lutava contra o dualismo e o cientificismo, que, aliados ao capitalismo e ao mercado, resultaram na “ditadura da tecnocracia”. Diante desta perspectiva, o corpo, com todas as suas limitações e tensões, é um ponto de resistência e um espaço de possibilidade de reconexão com a natureza e com a criação.

Edson Fernando de Almeida, em seu texto *Entre espinhos e estrelas: Teologia da libertação e da esperança em Rubem Alves*, destaca um aspecto fundamental muitas vezes negligenciado na leitura das obras de Rubem Alves: o forte acento da Teologia da Esperança que perpassa seus escritos teológicos. Embora Rubem Alves seja amplamente conhecido como um dos artífices protestantes da Teologia da Libertação, Edson propõe que essa teologia de Rubem Alves deve ser entendida em correlação com a Teologia da Esperança, uma corrente teológica cuja figura mais representativa é Jürgen Moltmann. A partir dessa perspectiva, Edson sugere que é possível encontrar em Rubem Alves tanto uma Teologia da Libertação quanto uma Teologia da Esperança, sendo que uma não pode ser completamente compreendida sem a outra. Ele sublinha que a imaginação, a magia, o jogo, o possível e o desejo formam um arco semântico que



atravessa a noção de religião nas obras de Rubem Alves, desde suas primeiras publicações até suas reflexões mais tardias. Esses elementos indicam que a visão religiosa de Rubem Alves está profundamente enraizada no campo do potencial criativo, do desejo de transformação, e da abertura para o que é possível. Neste sentido, a esperança não é um conceito abstrato, mas uma força concreta que impulsiona a ação libertadora, especialmente em tempos de crise e transformação social.

Nas Mesa II: Religião, Política e questões indígenas, realizada no dia 23 de novembro, Dalila Varela Singulane apresentou uma reflexão sobre a intersecção entre religião, política e questões indígenas. Em seu texto *Religião, política e os povos indígenas do Brasil*: questões para se pensar o antropoceno, a autora destaca que a colonização do Brasil foi marcada pela imposição do cristianismo e por uma visão eurocêntrica que considerava os indígenas como inferiores. Essa perspectiva não apenas justificou a escravização e a catequização forçada dos povos originários, mas também deu origem à figura do “bom selvagem”, perpetuando o pensamento racista e negando a agência política dos indígenas. Dalila aponta em seu texto que a historiografia tradicional, predominantemente escrita por homens brancos, tem negligenciado a resistência política dos povos indígenas e suas lutas por justiça, reconhecimento e direitos, incluindo o direito à terra. Assim, enfatiza-se a urgência de repensar a história do Brasil, incorporando a agência política dos povos indígenas, o que implica em uma descolonização do pensamento e na inclusão da história indígena nos currículos escolares. Esses elementos são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde as vozes e experiências dos povos indígenas sejam devidamente reconhecidas e valorizadas. A descolonização do ensino e da narrativa histórica é, portanto, um passo crucial para reparar as injustiças do passado e promover um futuro esperançoso que respeite e celebre a diversidade cultural e identitária do Brasil.

Por fim, a Mesa IV: Religião, política e África, realizada em 24 de novembro, os professores Márcio de Jagun e Alexandre Marques Cabral discutiram a relação entre religião, política e cultura africana. Márcio de Jagun, em seu texto *Considerações sobre a Fenomenologia do Transe*, aborda as diversas teorias e conceitos sobre a fenomenologia do transe, propondo uma análise orgânica e descolonizada no contexto afro-brasileiro. O autor oferece reflexões sobre o fenômeno mediúnico no Candomblé de matriz iorubá, destacando sua importância nas práticas afro-brasileiras. O autor



ressalta a importância de considerar elementos estruturantes do transe, como corpo, emoção e ultrapersonalidade, que são fundamentais para esse fenômeno. Termos como “cavalo”, “aparelho” e “elegun”, utilizados no ambiente de Terreiro, devem ser examinados com um olhar descolonizado e etimológico. É-nos enfatizado que, embora ainda estejamos distantes de uma compreensão plena do fenômeno mediúnico no contexto afro-brasileiro, é fundamental ampliar as pesquisas para que esse eixo, tão significativo para essas práticas, receba mais elucidação e menos preconceito.

Alexandre Marques Cabral, em seu texto *Sobre decolonialidade da fé e heterotopias: a macumba como espiritualidade marginal e teogonia marginalizada*, aborda a relação entre esquecimento e memória na construção da história. Neste sentido, somos conduzidos à flexão de que a história não deve ser vista como um mero acúmulo de fatos, mas como um processo dinâmico que reinterpreta e apropria o passado para moldar o presente e o futuro. Alexandre Cabral questiona a noção de uma África universal, defendendo a importância de investigar as “Áfricas em nós”, especialmente no contexto da experiência colonial brasileira. Além disso, ele levanta a questão da colonialidade da fé, afirmando que a tradição cristã foi frequentemente instrumentalizada para legitimar a dominação e a opressão.

Em suma, as reflexões propostas por este Dossiê: *Religião e Direito à Esperança no Antropoceno* nos convidam a uma profunda reavaliação das intersecções entre ciência, religião, política e as questões existenciais, sociais e ambientais que nos cercam, enfatizando a necessidade de uma abordagem descolonizada. Que cada artigo aqui apresentado inspire novas formas de pensar e agir, promovendo reflexões e ações que dialoguem e se articulem com as demandas do nosso tempo.

Desejamos a você uma ótima leitura e que as ideias discutidas aqui possam servir como sementes de esperança para a construção de um futuro mais justo, solidário e equitativo.

Doutorando Jungley de Oliveira Torres Neto

Doutorando Presley Henrique Martins